

# BOAVISTA: Ilha de Capitães

(História e Sociedade)



**António Germano Lima**





**FICHA TÉCNICA**

**Título:**

BOAVISTA: Ilha de Capitães.  
(História e Sociedade)

**Autor:**

António Germano Lima

© 1997, António Germano Lima

**Co-Edição:**

Spleen-Edições - C.P. 141-A - Praia - fax: 611303 - tel. 611103  
Instituto Superior de Educação - C.P. 279 - Praia - fax: 614189 - tel. 611268

**Arranjo gráfico e capa:**

Juvenal Moreno Tavares

**Fotografia da capa:**

Santos Pires, Boavista (Navio à vela «Sal-Rei»)

**Impressão:**

Imprensa Nacional de Cabo Verde - E. P. - Praia

**Tiragem:**

1.000 exemplares

Novembro de 1997

*Antes que a morte sobrevenha,  
reunamos nossa herança  
e ofereçamo-la a nossos filhos.*

(Will Durant)

*África lendária, jardim rubro-negro  
onde o aroma das flores é sorvido pelo sol,  
os frutos selvagens embriagam e entontecem,  
e mulheres de beleza bárbara ondulam  
bustos bronzeados !*

(Julião Quintinha)

## 2 - O segundo período ou o primeiro sinal da queda económica

No primeiro quartel do século XIX, Manuel António Martins transfere os seus interesses económicos para a vizinha ilha do Sal, provocando um certo desequilíbrio à economia da Boavista, pois detinha o monopólio do comércio desta ilha. Embora essa mudança tenha abalado Boavista, é, porém por volta de 1834 que termina o longo primeiro período áureo da Ilha, um progresso económico sempre ligado, aliás, a circunstâncias exteriores, nomeadamente a navegação estrangeira, como demonstram as crises de 1704-1712 devidas, de entre outros factores, à falta de navios, mesmo do reino; o avanço da tecnologia; as políticas económicas da Inglaterra, França, E.U.A. e outros países; as convulsões políticas em que Portugal desvantajosamente se encontrava envolvido; e a própria incapacidade da então Metrópole em assegurar o seu império ultramarino. A Ilha vive os seus traumas económico-sociais até ao último quartel do século XIX.

Com a queda do comércio dos produtos atrás apontados, a Boavista entrava no signo da estagnação e da crise económica, com forte tendência para a queda definitiva. Efectivamente, a decadência do comércio do sal, da urzela e do algodão acabam por desenhar a queda do primeiro período do apogeu económico da Ilha.

Por outro lado, Mindelo, a partir de 1840 destrona Sal-Rei, no que concerne à movimentação marítima, não só devido aos depósitos de carvão para o reabastecimento dos vapores de longo curso mas também à instalação de Cabos Submarinos, como o *Brasilien Submarine Telegraph* em 1874, o que fazia de S. Vicente um dos maiores centros de comunicação intercontinental da época.

As crises, muitas acompanhadas de fomes, também não poupavam a Ilha, outrora farta. Nessa época, registaram-se efectivamente, de entre outras as seguintes crises: as de 1833-34 que, como referimos no capítulo *Das Crises às Fomes*, mataram mais de 35.000 pessoas em Cabo Verde; as de 1845-46 que deram origem a uma grande solidariedade de pessoas da ilha de S. Nicolau; nas de 1850-51 e 53-55, durante as quais morreram em Cabo Verde 30.652, as vítimas da Boavista foram acudidas por habitantes da ilha Brava; as crises de 1862-67, nas quais morreram 1.221 criaturas na Boavista; as de 1883-86 que não conseguimos o índice de vítimas.

Todos os factores atrás apontados representaram, realmente, o primeiro sinal da queda económica da Boavista. Efectivamente, em 1878, saudosista e melancolicamente, já se referia à Vila de Sal-Rei nos seguintes termos: *Mostra ainda a povoação de Sal-Rei a importância que outrora teve, pelo grande número de casas que ali há, algumas importantes, porém quase todas em ruínas e deshabitadas*...<sup>33</sup>.

## 3 - O terceiro período: sinais de um novo apogeu

A pesca, a cal, a purgueira e objectos de cerâmica, embora tivessem sido explorados já no primeiro período áureo, é só na década de 90 de 1800 que dão sinais de um novo período florescente para a Boavista, por se constituírem em novos produtos essenciais de comércio e exportação. Isso vai representar o curto segundo período áureo da Ilha, a partir de 1890/95. Por falência de umas e emigração de outras, as casas comerciais de outrora cedem lugar a duas outras, que dominam todo o negócio da Boavista a partir do primeiro quartel do século XX: Casas Ben'Oliel e Miguel António de Carvalho & Filhos, respectivamente. A primeira possuía os seus próprios barcos, como *Sal-Rei* e *Boa Vista*, que transportavam peixe seco e salmoura, cal, semente de purgueira, cerâmica e outros produtos da terra.

### 3.1 - Exploração da pesca

Dizem uns que Cabo Verde é rico em peixe. Outros, pelo contrário, não são assim tão optimistas. De todas as ilhas, dizem os entendidos na matéria que a riqueza piscícola é maior na ilha da Boavista, devido não só à sua extensa plataforma marítima mas também ao seu rico e variado plâncton. Porém, há épocas em que certas variedades praticamente desaparecem. Para o facto, sugere Mário Secca a seguinte razão: *Seria conveniente estudar se a causa deste fenómeno, que talvez ande ligado à actividade submarina do vulcão do Fogo*<sup>34</sup>.

Um elemento facilitador da actividade piscatória em Boavista, não podíamos deixar de referi-lo, é a existência dos seus bons portos de pesca como Sal-Rei, Gatas, Ervatão, Ferreira, Curralinho, Curral Velho, Anicetinho e outros, e dos seus ricos pesqueiros como Lourenço Marques, Rio de Janeiro, Lestinho, João Valente, ou Leitão, Pesqueiro-Grande, Baixona, Pico da Estância, Pico Forcado, Bancona, Abrolhal, Abrolhalinho, Ponta de Escuma, e tantos outros. Os pesqueiros são na sua maioria marcados do mar, com o cruzamento de dois pontos fixos na terra.

Embora essa riqueza existisse quando ali chegaram, os primeiros povoadores da Ilha não deram muita atenção à pesca: havia alguma prática quotidiana, mas como simples meio de sobrevivência. Duas razões atinamos para o facto: uma, prende-se com a concentração primeiro na exploração da pecuária e do sal; a outra, segundo Mário Secca, com a ... *necessidade de construir as povoações em lugares afastados do litoral, para se defenderem da pirataria*<sup>35</sup>. Porém, a exploração piscícola sempre foi uma preocupação do Poder Colonial, como se poderá constatar das várias regulamentações da pesca para várias ilhas, o que viria a culminar com o Decreto de 25 de Outubro de 1892 que regulamenta a pesca para toda a Colónia.

Porém, a pesca da baleia já era organizadamente praticada nas águas da Ilha por baleeiros americanos e ingleses, provavelmente já no século XVII. Com efeito, A. Carreira dá-nos conta na Revista Raízes dessa pesca, actividade essa que teria sido regulamentada, como já dissemos, por Provisão de 14 de Março de 1732. A pesca da baleia terá sido muito vivida pelos boavistenses de antanho, para que merecesse a presença no canto do poeta Daniel Filipe à sua Ilha: *Farto de sol e areial que é o mais que a terra dá, / Tomasinho Cara Feia! vai pra pesca da baleia! Quem sabe se tornará?*

Aniceto António Ferreira, que também esteve muito ligado à pesca da baleia em Boavista, nas mãos portanto dos ingleses e americanos ainda em 1776 teria, sem sucesso tentado levar a Coroa a tirar melhor proveito dessa pesca, mas Portugal não estava em condições materiais de fazer face à determinação económica dos E.U.A. e da Inglaterra (parece que S. Malo, que terá rezado missa no dorso de uma baleia, nada queria com os portugueses).

Aniceto foi, de facto e a proveito próprio, um grande defensor da economia boavistense, tendo chegado ao cúmulo de proibir os *jogos de parar*<sup>36</sup>, provavelmente o ouri, aos jornaleiros e artifices, no intuito de forçá-los a trabalhar e a produzir mais.

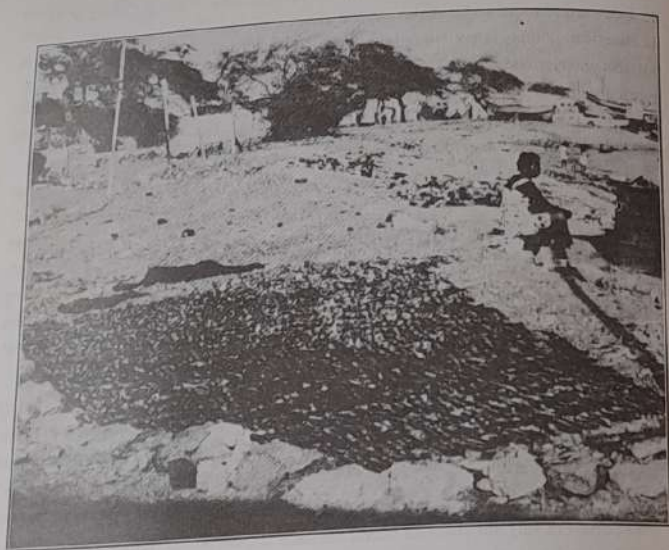
O seu sucessor, Martins, teria tentado organizar a pesca em 1818, mas a sua prática organizada porém só viria a acontecer quando proposta na Vereação Geral Extraordinária realizada na Boavista a 10 de Janeiro de 1843. Presidida pelo então Governador Geral Francisco de Paula Bastos, na Assembleia da dita Vereação *Lamentou-se, e com razão, que sende estes mares tão abundantes de peixe, que é também o sustento mais ao alcance da população indigente, quasi nunca apparecesse no mercado: para obviar a este inconveniente, nenhum meio pareceu mais oportuno,*

*que formar dos que actualmente se chamam pescadores, uma companhia de trinta indivíduos o maximo, destinados unicamente á pescaria, (...)*<sup>37</sup>. Esta proposta seria regulamentada pela Portaria de 16 de Janeiro de 1843 assinada pelo referido governador, cujo Quartel General se encontrava sediada na Ilha (Boletim Oficial nº 16, de 1 de Fevereiro de 1843). Estava assim criada uma classe de pescadores na ilha da Boavista, composta por trinta indivíduos (artº 1º). Em conformidade com uma portaria anterior, a de 23 de Dezembro de 1842, os pescadores eram obrigados a se matricularem na Patronia pelo Patrão-Mór que lhes passava um certificado (artº 2º); o artº 3º estipulava que *Os pescadores assim matriculados, e que se derem habitualmente á pesca ou seja com rede, ou com linha, indo ao mar pelo menos três vezes por semana, permitindo-o o tempo, e que trouxerem ao mercado o producto da sua pesca, serão isentos do recrutamento de primeira e segunda linha, e de todos os encargos do Concelho*<sup>38</sup>. As mesmas regalias estendiam-se ao filho mais velho, desde que se dedicasse à pesca, embora não matriculado na Patronia (§ único). Integravam a classe pescadores do Norte, da Povoação Velha e da Vila de Sal-Rei e deles exigiam-se a *moralidade e maior idoneidade* (artº 4º), pelo que eram controlados pelos Juizes Eleitos, pelo Patrão-Mór e pelo Administrador do Concelho (artº 5º).

A pesca à rede viria a ser introduzida a 3 de Janeiro de 1860 por alguns mestres pescadores, peritos nessa arte, contratados pelo Governador Geral Calheiros e Menezes. As duas ilhas que primeiro beneficiaram dessa medida foram a do Sal e a da Boavista.

O peixe era salgado com um excelente sal e secado ao sol, pois a Ilha possuía óptimas condições climáticas para a secagem do pescado. A secagem era feita durante 2 a 4 dias, conforme o tamanho ou espessura do peixe. O peixe também era tratado em salmoura, com a utilização de tanques e giraus. Para o efeito da salga e da salmoura, instalaram-se na Ilha duas empresas: a *Indústria de Pesca, Limitada*, que exportava o peixe seco para as outras ilhas e para a África. Deixou de exercer as suas actividades em 1939; uma outra empresa, que não conseguimos identificar, mas provavelmente com sede no Porto do Curralinho, dedicava-se à salmoura e ao fabrico de um *sucedâneo do bacalhau*<sup>39</sup>, o que lhe terá permitido conquistar o mercado europeu.





Salga do peixe na Boavista

Efectivamente, o peixe seco da Boavista era exportado para as outras ilhas, principalmente para Santiago, e para o exterior, como São Tomé e Príncipe, Congo Belga, África Equatorial Francesa, Senegal, Gâmbia, e até Angola. Essa exportação porém começaria a decair a partir de 1915, o que viria a representar uma quebra muito grande na economia boavistense. A tabela abaixo ilustra a exportação do pescado da Boavista, de 1936 a 1957<sup>40</sup>:

TABELA Nº 7

Ano	Conserva de peixe/Kg	Peixe Seco/K	Farinha de peixe/kg
1936	—	76.245	—
1937	—	106.420	—
1939	—	60.853	—
1940	—	28.900	—
1942	—	59.674	—
1944	27.279	88.842	—
1945	56.524	38.863	—
1947	32.842	27.505	—
1949	30.100	20.250	—
1952	16.000	15.000	—
1957	192.690	—	65.603

FONTE: Kasper (In Ilha da Boa Vista - Cabo Verde)

A industrialização no tratamento do pescado, a nível internacional, seria um dos factores da cessação dessa exportação. Na ilha da Boavista criar-se-ia entretanto uma fábrica de peixe em 1934 e em 1943 construir-se-ia a fábrica de conservas de peixe, propriedade da Firma J. A. do Nascimento & Filhos, especializada na conserva do atum em azeite. A Itália importava as conservas de atum dessa empresa em latas de 5 e 10 Kilos e reexportava-as depois para a Europa e África. Segundo uma notícia no CABO VERDE<sup>41</sup>, em 1952 a Firma Nascimento & Filhos vendeu as suas instalações à Empresa ULTRA, Lda. que, com a queda da exportação para a Itália, passou a exportar para os Estados Unidos da América. Para melhor rentabilizar a nova empresa, os donos da ULTRA mandaram recrutar pescadores no Arquipélago da Madeira, cujos resultados são expressos, na forma de notícia no referido Boletim, nos seguintes termos: *De 3 de Maio a 28 de Julho findo pescaram 68.562 quilos de atum, quantidade superior à pescada no ano passado.*

Assinala-se que, para a classe pobre, a pesca artesanal à cana, à rede e à linha contribuiu para que, nos tempos de crise, muita gente não morresse de fome.